

# IMPrensa JOVEM: EDUCAÇÃO MIdIÁTICA E CULTURA DIGITAL COMO VIA PARA O FORTALECIMENTO DA CIDADANIA ENTRE OS JOVENS

*IMPrensa JOVEM: MEDIA EDUCATION AND DIGITAL  
CULTURE AS WAY TO STRENGTHEN CITIZENSHIP  
AMONG YOUNG PEOPLE*

*IMPrensa JOVEM: EDUCACIÓN EN MEDIOS Y CULTURA  
DIGITAL COMO FORMA DE FORTALECER LA CIUDADANÍA  
ENTRE LOS JÓVENES*

EGLE MÜLLER SPINELLI<sup>1</sup>

ISABELA AFONSO PORTAS<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo/SP - Brasil

**RESUMO** O domínio de tecnologias e meios digitais de forma intuitiva e operacional na cultura digital é uma realidade para muitos jovens que nasceram no século XXI. Porém, os desafios que a internet propõe constantemente, com a circulação de um grande fluxo de informações e a manipulação de dados, nem sempre são conhecidos pela juventude. Por meio de fundamentação teórica sobre comunicação, educação e cultura digital, este artigo investiga como a educação atrelada à comunicação e à tecnologia pode viabilizar ações consistentes de forma a construir jovens cidadãos mais críticos e participativos na escola e em suas comunidades. Para tanto, utiliza como estudo de caso o projeto Imprensa Jovem, que fomenta atividades de educação midiática com alunos do ensino básico, resultando em um exemplo empírico de como processos reflexivos, colaborativos e práticos impactam e transformam a atuação dos jovens na sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** EDUCAÇÃO MIdIÁTICA; COMUNICAÇÃO; IMPrensa JOVEM; JUVENTUDE; CULTURA DIGITAL.

**ABSTRACT** Mastering technologies and digital media in an intuitive and operational way in digital culture is a reality for many young people who were born in the XXI century. Therefore, the challenges that the internet constantly proposes are not always known by the youth, with the circulation of a large flow of information and the manipulation of data.

Through theoretical foundations on communications, education and digital culture, this article investigates how education linked to communications and technology can enable consistent actions in order to build more critical and participatory young citizens at school and in their communities. To do so, it uses the Young Press project as a case study, which promotes media education activities with elementary school students, resulting in an empirical example of how reflective, collaborative and practical processes impact and transform the performance of young people in society.

**KEYWORDS:** MEDIA EDUCATION; COMMUNICATIONS; IMPRENSA JOVEM; YOUTH; DIGITAL CULTURE.

**RESUMEN** Dominar las tecnologías y los medios digitales de forma intuitiva y operativa en la cultura digital es una realidad para muchos jóvenes nacidos en el siglo XXI. Sin embargo, los desafíos que plantea constantemente el internet, con la circulación de un gran flujo de información y la manipulación de datos, no siempre son conocidos por los jóvenes. A través de fundamentos teóricos sobre comunicación, educación y cultura digital, este artículo investiga cómo la educación vinculada a la comunicación y la tecnología puede viabilizar acciones coherentes para construir ciudadanos jóvenes más críticos y participativos en la escuela y en sus comunidades. Para ello, utiliza como caso de estudio el proyecto Prensa Joven, que promueve actividades de educación en medios con estudiantes de primaria, resultando en un ejemplo empírico de cómo los procesos reflexivos, colaborativos y prácticos impactan y transforman el desempeño de los jóvenes en la sociedad.

**PALABRAS-CLAVE:** EDUCACIÓN EN MEDIOS; COMUNICACIÓN; IMPRENSA JOVEM; JUVENTUD; CULTURA DIGITAL.

## INTRODUÇÃO

Grande parte da juventude do século XXI é considerada nativa digital. Quase não conhece um mundo sem internet e domina rapidamente os aparelhos tecnológicos que manipula. A maioria dos adolescentes da atualidade está engajada nas mídias sociais e é participante ativa nas redes, o que aparentemente gera uma premissa de que possui o conhecimento e as habilidades necessárias para a vivência on-line. No entanto, segundo Danah Boyd (2014) a retórica dos “nativos digitais” costuma ser uma distração para a compreensão dos desafios que os jovens enfrentam no mundo conectado. Os jovens, ao estarem expostos desde crianças às tecnologias digitais, saberem criar ou compartilhar conteúdos on-line e usar as mídias sociais, “não significa que eles tenham inerentemente o conhecimento ou a perspectiva para examinar criticamente o que consomem” (BOYD, 2014, p. 177) ou consigam interpretar os significados por trás desses artefatos.

O Brasil, hoje, tem 89% de crianças e adolescentes, entre 9 e 17 anos, que são usuários de internet, sendo que 68% deles estão presentes nas mídias sociais, segundo a pesquisa TIC Kids Online 2019, publicada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil. Por outro lado, de acordo com o mesmo levantamento, 33% dos(as) usuários(as) dessa faixa etária disseram que não são capazes de verificar se uma informação encontrada ali é verdadeira.

Esses dados colocam em pauta o que Danah Boyd (2014) critica sobre a posição dos educadores e adultos quanto aos nativos digitais ao supor que, por terem facilidade com publicações nas mídias sociais e no uso de ferramentas tecnológicas, também teriam conhecimento sobre o funcionamento e os desafios propostos pela internet. A utilização de mídias digitais e tecnologias molda também uma nova cultura, representada pela constante necessidade de apropriação de novas habilidades na esfera digital, para que exista uma participação e inclusão mais decisiva de novas práticas de cidadania, comunicação, difusão e apropriação da informação e conhecimento (CERIGATTO, 2020). Uma cultura participativa visa o envolvimento ativo do cidadão na sociedade por meio do fomento de competências digitais e midiáticas, “de maneira que seja possível compreender a tecnologia e seus textos dentro de uma consciência mais crítica e reflexiva, aproveitando essas habilidades para a área profissional, pessoal etc.” (CERIGATTO, 2020, p. 2).

Uma das maneiras para preparar os jovens a compreenderem essa nova cultura e suas interfaces é por meio da educação midiática que, segundo David Buckingham (2016), possibilita desenvolver um estilo mais reflexivo de ensino e aprendizagem, em que os alunos possam refletir sobre a própria atividade como consumidores de mídia e produtores de conteúdo, entendendo, assim, os fatores sociais e econômicos que se apresentam nos processos comunicacionais.

No Brasil, um dos campos que a educação midiática está inserida é nos estudos da educomunicação, que engloba uma perspectiva mais abrangente da relação entre a educação e a comunicação. Soares (2011) explica que a prática educomunicativa nasce de movimentos referentes à educação e à comunicação popular que buscavam construir uma perspectiva dialógica em suas ações com as pessoas e com as comunidades. Sendo assim, o diálogo representava a possibilidade de construir uma comunicação mais humana e menos instrumental. Orozco Gómez (2014) pensa a educomunicação como um conceito mais amplo que envolve os fenômenos de ensino-aprendizagem mesclados com a vida contemporânea “em sua pluralidade de dispositivos técnicos, estímulos à visualidade, desafios suscitados pelos circuitos digitais, instigações provocadas pelas estratégias de produção, circulação e distribuição da informação e do conhecimento” (OROZCO GÓMEZ, 2014, p. 9).

Sendo o ecossistema comunicativo um ambiente de inúmeras possibilidades da interação social com a comunicação, a partir da educomunicação torna-se possível refletir e analisar as diferentes propostas e formatos de diálogo vivenciados com o mundo considerando as potencialidades dos meios de comunicação e de suas tecnologias (ROMÃO, 2016).

É nesse contexto que o Imprensa Jovem – Agência de Notícias na Escola, um projeto que vem sendo desenvolvido há alguns anos na cidade de São Paulo, chama atenção por estimular a participação dos alunos do ensino básico de escolas públicas municipais e ampliar os canais de comunicação da escola com a sua comunidade. Os estudantes desenvolvem, de maneira autônoma e colaborativa, habilidades críticas e criativas a partir de produção de pautas, pesquisas e coberturas que são compartilhadas por meio de blogs, rádios virtuais, canais no YouTube e páginas nas mídias sociais (IMPREENSA, 2019, on-line).

A partir de um referencial teórico sobre as transformações contemporâneas geradas pelas tecnologias e pela cultura digital, e os seus efeitos na educação, este artigo pretende provocar reflexões por meio de um estudo de caso do projeto Imprensa Jovem. Também foi

realizada uma entrevista semiestruturada com o idealizador, método que permite entender o pensamento e as considerações do entrevistado sobre o assunto (MARTINO, 2018), com o intuito de investigar como a educação atrelada à comunicação e à tecnologia pode viabilizar ações consistentes de forma a construir jovens cidadãos mais críticos e participativos na escola e nas comunidades.

## CULTURA DIGITAL, COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO

O desenvolvimento tecnológico possibilitou transformações profundas na sociedade. O impacto das novas tecnologias refletiu não só em seu modo de agir, pensar, como também nas formas de se relacionar. Sendo assim, a internet “não é apenas uma tecnologia: é o instrumento tecnológico e a forma organizativa que distribui o poder da informação, a geração de conhecimentos e a capacidade de ligar-se em rede em qualquer âmbito da atividade humana” (CASTELLS, 2002a, p. 311).

Nesse contexto, a tecnologia se torna uma extensão do corpo e passa a ser um elemento definidor da identidade humana (KERCKHOVE, 2009). Dessa maneira, a sociedade se apropria da tecnologia para se desenvolver e se manter, criando uma cultura da internet.

Segundo Castells (2002b), essa nova cultura se caracteriza por ter a liberdade como ideologia suprema, principalmente, no que diz respeito à circulação da informação. O ciberespaço possibilita que cada indivíduo possa adicionar, retirar, cocriar e modificar conteúdos dessa estrutura; as pessoas são emissoras e receptoras, uma vez que o polo da emissão está liberado para coletivização dos saberes, construção colaborativa de conhecimento e de sociabilidade (LEVY, 2010).

As tecnologias de informação e comunicação (TIC) fazem parte da construção de novos sentidos que passamos a atribuir ao mundo, ao promoverem intensas mudanças sociais, bem como novas formas de conhecimento. A Internet faz parte dessas transformações do mundo contemporâneo, por projetar essa cultura cibernética (LEVY, 2000) que vai além dos aparatos tecnológicos, uma vez que impacta a vida social e cultural dos indivíduos:

[...] a cultura digital não se esgota no ciberespaço (ou na cultura on-line), mas sua hipertextualidade se soma entre os diferentes meios de comunicação social e as indústrias culturais (rádio, cinema, televisão etc.) e os processos de interação social no contexto cultural mais amplo. (DUTRA BRIGNOL *et al.*, 2019, p. 194, tradução nossa).

Não se pode esquecer também do impacto produzido pelo surgimento das redes sociais que, atrelado às características da internet, produziu uma transformação na forma com que as pessoas se comunicam. “Agora, elas dialogam, geram opinião, influenciam nas mudanças das estruturas sociais, políticas e econômicas e se relacionam com pessoas que nunca viram pessoalmente” (RIBEIRO *et al.*, 2018, p. 207).

Esses novos modos de interagir, de informar e de produzir conhecimentos têm um impacto significativo, inclusive, nas práticas pedagógicas, de ensino e aprendizagem, uma vez que se torna necessário pensar em novas habilidades de comunicação. Essa nova era da informação globalizada e digitalizada, torna o acesso ao conhecimento mais fácil, ágil

e imediato. As pessoas conseguem acessar rapidamente a informação, produto ou serviço que necessitam, fazer pesquisas e formar opiniões sobre determinados assuntos, participar de grupos ou redes de interesse em comum, sem que tenha a mediação de outros atores, inclusive professores para orientá-las. Nesse novo contexto, qual seria o papel da escola nesse cenário? (GÓMES, 2015).

Iannone *et al.* (2016) defendem a necessidade urgente em preparar os estudantes ainda na escola a viverem e saberem desfrutar da melhor maneira da sociedade inserida na cultura digital. Para isso, há a necessidade de desenvolver processos de ensino e aprendizagem pensando em três instâncias:

[...] cognitiva, envolvendo estratégias e processo de aprendizado, criatividade e pensamento crítico; intrapessoal, relacionada com a capacidade de lidar com as emoções e moldar comportamentos para atingir objetivos; e interpessoal, envolvendo a habilidade de expressar ideias, interpretar, dialogar e responder aos estímulos de outras pessoas. (IANNOME *et al.*, 2016, p. 59).

Para tanto, o modelo escolar precisa evoluir frente à cultura digital, seja na preparação dos professores, no oferecimento de infraestrutura para os alunos e no ensino sobre o tema, perante tantas adversidades, desafios e oportunidades em distintos meios, canais e plataformas midiáticas, nos quais essas crianças e jovens, em sua maioria, estão presentes.

## EDUCAR NA ERA DA CULTURA DIGITAL

Diante da disponibilidade crescente de acesso aos diversos tipos de informações, em um fluxo intenso e rápido, novos processos, relações intelectuais e culturais marcam um novo período histórico. Consequentemente, afetam o aprendizado, moldando novos padrões de comportamento e visões de mundo nas esferas privada e pública. Aprender a linguagem e o sistema midiático passa a ser tão essencial como a alfabetização relacionada com a leitura e a escrita verbais. “Consequentemente, preparar os cidadãos não só para ler e escrever nas plataformas multimídias, mas para que se envolvam com esse mundo, compreendendo a natureza intrincada, conectada, da vida contemporânea, torna-se um imperativo ético e uma necessidade técnica” (GÓMEZ, 2015, p. 21).

Os atos de aprender e de ensinar, na era da cultura digital, “passaram a incorporar linguagens e abordagens didáticas multissensoriais muito mais envolventes, que as didáticas apenas narradas e escritas” (RIBEIRO *et al.*, 2018, p. 203).

A partir dos estudos de Demo (2006), Machado e Kampff (2017, p. 1345) discutem sobre os desafios das escolas em se repensar o modelo pedagógico frente a esse cenário: o formato de aprendizado; o papel dos recursos tecnológicos no processo de ensino e de aprendizagem; como motivar o aluno para entrar no jogo da aprendizagem; como se tornar um professor mediador distante fisicamente e, como utilizar as tecnologias para aprender, ascender social e culturalmente.

No entanto, é preciso ir além da mera inserção do uso de novas tecnologias na educação. Segundo Buckingham (2008, p. 4), os meios digitais têm enorme potencial para o ensino, “mas será difícil realizar esse potencial se persistirmos em considerá-los apenas como

tecnologias, e não como formas de cultura e comunicação”. Sobre isso, Castells (2005) também pontua que apenas colocar computadores e internet nas escolas não provocam grandes mudanças sociais. Para saber usar os sistemas tecnológicos e compreender o melhor de suas potencialidades “precisamos conhecer a dinâmica, os constrangimentos e as possibilidades desta nova estrutura social que lhe está associada” (CASTELLS, 2005, p. 19).

Considerando que a sociedade vive uma era de aceleração social (ROSA, 2013; CRARY, 2014; CITELLI, 2015), em que há um intenso fluxo de informações, somado à questão da temporalidade, fragmentação e complexidade, essas condições são vistas como grandes desafios para a educação na era digital, “uma vez que dificulta a organização do conhecimento em esquemas compreensivos, dispersando a atenção, saturando a memória e, por consequência, gerando superinformação e desinformação” (RIBEIRO *et. al.*, 2018, p. 211).

Assim, para a qualificação dos processos de ensino e de aprendizagem em uma era da cultura digital, não basta ter habilidade para utilizar as tecnologias e saber acessar as mídias sociais e o volume de informações disponíveis, é preciso também desenvolver um senso crítico e a capacidade de selecionar bem as informações, para que possam transformá-las em conhecimento. É nesse contexto que se encaixa a educação midiática.

Para Buckingham (2008), os meios digitais apresentam uma estrutura composta por quatro conceitos-chave que vão além das questões técnicas e funcionais, e precisam ser observados: representação, que engloba tendenciosidade, autoridade e ideologia; linguagem, referente aos recursos narrativos e formais próprios da internet como meio expressivo; produção, relativa aos interesses comerciais e institucionais dos conteúdos e inter-relação entre distintos meios, canais e plataformas; e público, ligado aos tipos de interpelação geradas no processo comunicacional, suas ações e significados considerados. Os benefícios desse aprendizado vão além do conhecimento das tecnologias da informação e comunicação (TICs), promovem novas percepções da realidade e transformações do contexto social, além disso, constroem cidadãos mais críticos em relação ao mundo.

## **IMPLEMENTAÇÃO DA EDUCAÇÃO MIDIÁTICA NO ENSINO PARA O SÉCULO XXI**

Com o acesso às TICs e uma sociedade cada vez mais em rede, a noção de literacia digital passa a ganhar novos significados. Sendo assim, Passarelli e Junqueira (2012) pontuam que se em um primeiro momento havia uma necessidade de aperfeiçoamento das capacidades de leitura e compreensão dos meios de transmissão de informação e conhecimento da era industrial do capitalismo, hoje exige-se uma série de habilidades para interagir e selecionar, de forma multimídia, o conteúdo que é produzido e consumido nas telas contemporâneas. Para Gilster (1997), o termo literacia digital envolve “a habilidade de entender e utilizar a informação de múltiplos formatos e proveniente de diversas fontes quando apresentada por meio de computadores” (GILSTER, 1997, p. 1).

Nessa perspectiva, educar no século XXI exige conhecimento e competência sobre a mídia e seus meios. Martens (2010) reforça que os indivíduos precisam adquirir conhecimentos sobre questões-chave da mídia, como as indústrias midiáticas, suas mensagens, públicos e efeitos. De acordo com Buckingham (2019), é importante provocar questiona-



mentos críticos sobre a mídia, bem como a tecnologia, pensando em como esses artifícios representam o mundo e como eles criam significados.

Kellner e Share (2008) reforçam a educação midiática como um projeto importante no que diz respeito à uma análise crítica das relações entre a mídia e as audiências, informação e poder. Renee Hobbs e Amy Jensen (2009), sintetizam que:

[...] a educação midiática requer questionamento ativo e pensamento crítico a respeito das mensagens que criamos e recebemos; é uma conceituação expandida de alfabetização; desenvolve competências para aprendizes de todas as idades e requer uma prática integrada, interativa e repetida; seu propósito é desenvolver participantes informados, reflexivos e engajados, essenciais para uma sociedade democrática; as mídias são vistas como parte da cultura e funcionam como agentes de socialização; e as pessoas usam suas competências, crenças e experiências para produzir sentidos para as mensagens das mídias. (HOBBS; JENSEN, 2009, p. 7).

Para as autoras, o papel da educação midiática vai além de criar consumidores com um bom domínio das mídias e das culturas de massa, é também uma forma de incentivar a cidadania ativa e democrática (HOBBS; JENSEN, 2009).

Tendo em vista uma experiência prática sobre essa temática, leva-se em consideração um estudo realizado por Hans Martens e Renee Hobbs (2015), em que avaliaram escolas onde foram implementados programas de educação midiática e averiguaram que o desenvolvimento de habilidades analíticas para leitura da mídia contribui para que jovens se engajem civicamente, estimulando o exercício da cidadania a partir do entendimento do que acontece na sociedade em que estão inseridos e de como podem exercer um papel ativo nela. “Nossas descobertas apoiam a crescente demanda por formuladores de políticas, educadores e defensores da comunidade para abraçar a literacia midiática como um recurso importante para cumprir a promessa da cidadania digital” (MARTENS; HOBBS, 2015, p. 134).

Assim, percebe-se que as literacias digitais e midiáticas têm um papel notável para ampliar a compreensão dos usuários sobre os ambientes virtuais, bem como possibilitam aos sujeitos o exercício da cidadania de forma consciente.

## **ONDE ESTÁ O BRASIL NESSE CONTEXTO?**

No Brasil, a convergência entre educação e meios de comunicação começam timidamente com a fundação da Rádio Escola Municipal do Rio de Janeiro, em 1930. Esse diálogo ganha novas perspectivas com a popularização da televisão em 1960, juntamente ao olhar de Paulo Freire (2011) sobre o caráter dialógico comunicacional da educação. “Como desdobramento desse processo, os meios de comunicação criam uma tradição iletrada, que absorve os conteúdos midiáticos sem muitas vezes passar por um senso crítico” (SANTOS NETO, 2020, p. 162), o que passa a indicar uma necessidade de atenção da escola sobre a formação do sujeito frente às mídias.

Nos anos 1990, surgiram no Brasil outros projetos que visavam o desenvolvimento da leitura crítica das notícias veiculadas pelos meios de comunicação de massa, como o Observatório da Imprensa (1996) e o site Newsware (1999) (CHAVES; MELO, 2019).

Nesse mesmo período, por meio de iniciativas da ECA/USP, surge a Revista Comunicação & Educação (1994) e o Núcleo de Comunicação e Educação (1996), nos quais foi se fortalecendo o conceito de educomunicação no Brasil (SOARES, 2014).

[...] a Educomunicação dialoga com a Educação, tanto quanto com a Comunicação, ressaltando, por meio de projetos colaborativamente planejados, a importância de se rever os padrões teóricos e práticos pelas quais a comunicação se dá. Busca, desta forma, transformações sociais que priorizem, desde o processo de alfabetização, o exercício da expressão, tornando tal prática solidária, fator de aprendizagem que amplie o número dos sujeitos sociais e políticos preocupados com o reconhecimento prático, no cotidiano da vida social, do direito universal à expressão e à comunicação (SOARES, 2014, p. 24).

As discussões teóricas e práticas em torno da educomunicação ultrapassaram a questão da mídia para adentrar a área da cultura, o que abriu portas na institucionalização de políticas públicas, facilitando também um olhar mais sólido sobre a questão da Educação Midiática na qual até há poucos anos o sistema educativo resistia em discutir o assunto (SOARES, 2014).

Diante desse cenário, mais recentemente, em 2017, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) incluiu competências ligadas à cultura digital, que está em fase de implantação no Brasil (CHAVES; MELO, 2019). Criou-se um Campo Jornalístico/Midiático, algo que mais se aproxima de uma abordagem de educação midiática dentro da área de conhecimento de Língua Portuguesa, concentrado no Ensino Fundamental II e no Ensino Médio (SPINELLI; SANTOS, 2019).

O campo proposto foi elaborado para que os professores em sala de aula possam levar novas maneiras de aprendizagem para o aluno, por isso, há um diálogo com as outras disciplinas, algo incentivado pela BNCC, inclusive para outras temáticas. No entanto, o caminho ainda é longo, para Spinelli e Santos (2019) “diante das dificuldades que o país sempre enfrentou para executar uma política pública coerente para a educação, é natural antever que as escolas terão dificuldades em colocar em prática a educação midiática” (SPINELLI; SANTOS, 2019, p. 54).

É reconhecido que o Brasil reúne diversas iniciativas que buscam trabalhar os pilares de educação midiática. Caprino e Martinez-Cerdá (2016) catalogaram 129 ONGs e instituições civis que realizam 302 projetos de educação midiática no Brasil. Desses, 70 projetos estão ligados a conteúdos críticos de compreensão e produção, dentre os quais 22 também se concentram no acesso e uso dos meios de comunicação.

O Instituto Palavra Aberta, por exemplo, lançou o programa EducaMídia, voltado à capacitação de professores, com apoio do Google.org e em parceria com diversas associações e organizações ligadas ao campo jornalístico. Chaves e Melo (2019), inclusive, pontuam que o investimento do Google na educação midiática para notícias pode indicar um interesse da corporação em se antecipar a possíveis questionamentos sobre a responsabilidade das plataformas digitais na disseminação de conteúdos falsos, como ocorreu com o Facebook<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Mark Zuckerberg, CEO do Facebook, foi convocado pelo Senado norte-americano e pelo Parlamento Europeu, em 2018, para explicar como o Facebook reagiu ao vazamento de dados de 87 milhões de pessoas pela Cambridge Analytica, empresa de marketing inglesa que, em 2016, fez uso de tais informações para influenciar as eleições presidenciais norte-americanas que resultaram na vitória do candidato republicano Donald Trump.



O Brasil deu um passo importante com a inclusão do campo jornalístico-midiático na BNCC, bem com a atuação dos projetos de educação midiática no país. No entanto, ainda existem desafios. O primeiro é a desigualdade. De acordo com a Pesquisa TIC Domicílios 2019, quase 30% dos domicílios brasileiros não tem acesso à internet. O segundo, diz respeito ao descompasso entre a postura dos educadores e a dos jovens e a falta de infraestrutura das escolas que, muitas vezes, não oferecem conectividade a estudantes que podem não ter acesso em casa (MORA; SILVA, 2019).

A pesquisa TIC Educação (2019), que investigou o acesso, o uso e a apropriação das tecnologias de informação e comunicação (TIC) nas escolas públicas e particulares brasileiras de Ensino Fundamental e Médio, mostra que 28% das escolas possuem uma plataforma on-line de aprendizagem para os alunos, sendo que 64% são instituições particulares. Um outro dado relevante, é que 45% dos alunos tiveram que produzir e publicar atividades escolares em texto, imagem ou vídeo na internet. No que diz respeito aos professores, 51% deles disponibilizaram conteúdos na internet para os alunos e a mesma porcentagem buscou ensinar a seus alunos sobre o uso seguro da rede.

É nesse contexto que se dá a importância de políticas públicas que viabilizem mais ações voltadas para a educação para a mídia. Na cidade de São Paulo, por exemplo, ações de educomunicação foram implementadas como uma política da Secretaria de Educação Municipal. Esse é o caso do Imprensa Jovem, que vem mobilizando crianças e adolescentes do Ensino Básico para se tornarem cidadãos conscientes e participativos, na escola e em suas comunidades por meio do contato e da produção de conteúdos para as mais diversas plataformas midiáticas.

## **ATUAÇÃO DO IMPRENSA JOVEM PARA A EDUCAÇÃO MIDIÁTICA**

O Imprensa Jovem tem suas raízes no programa piloto Educom.rádio, desenvolvido pela Secretaria Municipal de Educação da cidade de São Paulo em parceria com o Núcleo de Comunicação (NCE) da ECA/USP, entre 2001 e 2004, no governo da prefeita Marta Suplicy. O programa nasceu com o objetivo de combater a violência na escola e aumentar o vínculo entre a Escola e a Comunidade (BORGES, 2009). O Educom se estruturou com um círculo de palestras e oficinas e um curso de extensão universitária destinados aos educadores, disponibilizando 11.375 vagas ao longo de três anos desenvolvidos pelo NCE USP, além de fornecer às escolas participantes um kit de equipamento de rádio e suporte técnico.

O programa teve tanto êxito que propiciou à cidade de São Paulo uma lei que coloca a Educomunicação como política pública de educação, a Lei 13.941/2004 e regulamentada pela Portaria 5.792/2009 (BRASIL, 2004), garantindo sua permanência e ampliação. Assim, surge o Programa Nas Ondas do Rádio (NOR) para sistematizar processos pedagógicos e colocar em prática na escola a política pública de Educomunicação (IMPRENSA JOVEM, on-line, 2015).

Com a institucionalização desse programa voltado para a viabilização de rádios escola, abriu-se um precedente para o contato dos alunos com a comunicação. Por volta de 2005, Carlos Lima, que coordenava o Nas Ondas do Rádio na escola municipal Pedro Teixeira, recebeu uma proposta de seus alunos: ir além do entretenimento e criar programas de

notícia na rádio da escola com pautas voltadas à comunidade. Esse foi o embrião do que se tornaria o Imprensa Jovem, que logo ganhou espaço em mais duas escolas municipais em que Carlos atuava.

O projeto se consolidou no mesmo ano quando realizamos uma cobertura colaborativa do Congresso Municipal de Educação pelos estudantes dessas três escolas em que eu atuava e mais algumas outras escolas da cidade. Os meninos levaram seus gravadores, montamos uma estação de rádio e fizemos o primeiro experimento de cobertura jornalística. Na verdade, essa foi a ação que mais deu força para o futuro Imprensa Jovem, porque os estudantes apareciam, faziam entrevistas com grandes personalidades, cobriam eventos, o que chamou a atenção da Secretaria de Educação (LIMA, 2021).

No ano seguinte, em 2006, Carlos Lima foi convidado para trabalhar na Secretaria de Educação da cidade de São Paulo e esteve à frente da implementação do programa Nas Ondas do Rádio e do Núcleo de Educomunicação, além de ter viabilizado a continuidade e a expansão do Imprensa Jovem, que depois foi institucionalizado.

Com o avanço da internet, de novas ferramentas digitais, o programa de rádio que havia nas escolas ainda contava com equipamentos analógicos e acabou ficando desatualizado. Pensando nisso, com a implementação dos laboratórios de informática na Rede Municipal de São Paulo, surgiu a ideia de usar esse espaço para a criação de uma rádio digital e, posteriormente, agências de notícias nas escolas. Então, os Professores Orientadores de Informática Educativa passaram a ter um papel central para assumir as ações de educomunicação nas escolas (SOUSA, 2019), com uma linguagem voltada para as TICs. “Os laboratórios de informática se tornaram centros de mídia. Os estudantes produziam conteúdo para Twitter, Facebook e Blogs, criavam e editavam programas de rádio” (LIMA, 2021).

Diante desse cenário, em 2009, a Portaria 5792/09 da SME-SP definiu normas complementares para a implementação de projetos educacionais e adotou como estratégias as seguintes medidas:

I- Incentivo à elaboração de projetos Educomunicativos nas Unidades Educacionais que envolvam a linguagem impressa (jornal, mural, jornal comunitário, fotografia, fanzine, história em quadrinhos), radiofônica (rádios escolares), audiovisuais (cinema, vídeo) e digitais (blog, podcast), além de outras formas de comunicação que atendam à evolução tecnológica; II – Formação dos participantes do programa, por meio de cursos e formação continuada envolvendo professores, alunos e funcionários de cada Unidade Educacional. III – Produção de material didático e demais recursos utilizados e produzidos nos cursos e formação continuada (DIÁRIO, 2009, p. 9).

A mudança na Portaria permitiu o planejamento e o desenvolvimento de diferentes modos de comunicação no interior das escolas municipais, impulsionando diversos treinamentos sobre educomunicação, o que também deu força para o Imprensa Jovem se institucionalizar.

Esse processo de construção do projeto não foi algo espontâneo. A gente desenvolveu formação para professores e depois para estudantes, o que ficou co-

nhecido como Imprensa Jovem On-line. O curso contou com tutoriais em vídeo e em PDF, organizados e publicados numa plataforma digital, e se dividiu em 6 grandes eixos também denominados: Agência de Notícias, Webjornalismo, Fotojornalismo, Radiojornalismo, Telejornalismo e Dicas de Cobertura Jornalística. Isso garantiu que a ação se conectasse às ações curriculares que já aconteciam na escola (LIMA, 2021).

Em 2016, finalmente, o programa foi integrado oficialmente à Política de Educomunicação com o objetivo de “desenvolver ações que promovam o protagonismo infantil e juvenil, o direito à comunicação e a à liberdade de expressão por meio, inclusive, da apropriação de recursos midiáticos de aprendizagem” (DIÁRIO, 2016, p. 9). Assim, o Imprensa Jovem conseguiu atingir até 420 escolas, da Educação Infantil ao Ensino Médio, na cidade de São Paulo, mobilizando estudantes e professores, além de contribuir com a comunidade produzindo conteúdos em diversos formatos, cobrindo eventos e realizando entrevistas com as mais diversas personalidades.

A atuação e a capilaridade do Imprensa Jovem geraram reconhecimento pelo trabalho que vem sendo até hoje realizado com os estudantes da rede municipal de São Paulo. Em 2020, o programa foi um dos vencedores do Prêmio Aliança para Mídia e Informação (UNESCO MIL Alliance), da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), ficando entre os seis melhores do mundo (SECRETARIA, 2021, on-line).

O programa também fez diversas parcerias ao longo dos últimos anos, aprimorando cada vez mais as ações para a formação de alunos e cidadãos mais conscientes. Dentre elas, está um curso para o combate à desinformação entre os jovens e professores, além de uma formação, realizada ao longo da pandemia de COVID-19, sobre ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável) formando alunos mediadores que foram protagonistas na divulgação de informações sobre prevenção e cuidados contra o vírus em suas comunidades. “Todas as formações que fazemos têm como objetivo tornar os estudantes à parte das questões que atingem suas famílias. Esse processo formativo é a chave para a gente poder criar estudantes mais críticos e reflexivos” (LIMA, 2021).

Para combater a onda de desinformação e as *fake news* nos diferentes meios de comunicação, em 2020, a Secretaria Municipal de Educação, por meio do programa Imprensa Jovem e com o apoio do EducaMídia, desenvolveu um curso on-line para estudantes e professores da rede municipal de ensino. O curso foi disponibilizado na plataforma do Vaza Falsiane, por meio de quatro módulos os alunos puderam passar por temas como: os principais conceitos de informação e desinformação, *fake news* e política, checagem de fatos, como usar o diálogo para combater as notícias falsas, o mercado lucrativo das notícias falsas, discurso de ódio, manipulação emocional, além de desinformação na pandemia (ESTUDANTES, 2020, on-line). Além disso, ao final do curso os estudantes também tiveram acesso a uma consultoria especializada da equipe do programa EducaMídia para criarem materiais que foram utilizados como estratégias de compartilhamento no Instagram e WhatsApp com dicas para não cair em *fake news*.

Entre setembro e outubro de 2020, ao longo da pandemia, os participantes do Imprensa Jovem participaram de um curso chamado “Estudante Mediador dos ODS”, por iniciativa da UNESCO em parceria com o Núcleo de Educomunicação de São Paulo, para

trocar ideias para mitigar desigualdades nas proximidades de suas escolas. Dividido em três módulos: Alfabetização Midiática e Informacional, Comunicação e Educação em Saúde e Bem-estar e Competências Socioemocionais, o curso contou a criação de projetos de intervenção comunitária pelos alunos (FERREIRA, 2021, on-line), tendo em vista os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS)<sup>2</sup>, que descrevem 17 desafios que visam acabar com a pobreza, proteger o meio ambiente e o clima e garantir que as pessoas, em todos os lugares, possam desfrutar de paz e de prosperidade até 2030 nos países signatários das Nações Unidas. O currículo da cidade de São Paulo é o primeiro do mundo alinhado com os ODS<sup>3</sup> e tem como objetivo formar cidadãos éticos, responsáveis e solidários que fortaleçam uma sociedade mais inclusiva, democrática, próspera e sustentável.

O curso, Estudante Mediador dos ODS, formou 385 pessoas, entre alunos e professores. Além disso, todos os seus módulos contaram com produção midiática por parte dos estudantes. Dessa forma, as crianças, adolescentes e professores produziram *posts* para redes sociais alertando a comunidade para os riscos da desinformação e das *fake news*, produziram *podcasts* com base em entrevistas feitas de forma remota e com recursos digitais a profissionais de UBS e, por fim, produziram vídeos sobre suas emoções e de pessoas de suas comunidades acerca dos desafios impostos pela pandemia (FERREIRA, 2021, on-line). “Os módulos do curso dialogam para formação de estudantes críticos quanto à mídia e questões sociais. A proposta era formar alunos em cidadãos, de forma que eles se situassem sobre o mundo em que vivem” (LIMA, 2021).

A participação dos estudantes nesse curso auxiliou o Imprensa Jovem a se manter ativo em 89 escolas, da cidade de São Paulo, ao longo da pandemia de COVID-19. Por meio dos “alunos mediadores”, foi possível ajudar as escolas a se comunicarem melhor com as famílias dos estudantes, houve campanhas informativas pelas mídias sociais e WhatsApp sobre medidas de prevenção ao Coronavírus, além da continuidade da realização de entrevistas e produção de conteúdo que já é previsto pelo programa. A relevância para aqueles que já fizeram parte do Imprensa Jovem foi documentada por meio de diversos depoimentos à revista Magistério (MAGISTÉRIO, 2020). Jovens que estão ou já passaram pelo programa contaram como foram impactados ao longo de sua trajetória. Aqui destacamos três deles, de alunos que se formaram na escola:

O projeto trabalha muito o protagonismo dos estudantes, o que lhes dá autonomia para, futuramente, lidar com os desafios da vida. Eu aprendi muito durante esse tempo, posso dizer que fazer parte disso moldou muito o meu caráter e é responsável por grande parte do que eu sou agora. (Alessandra de Lima Felix, 21 anos Estudante de Serviço Social – UNINOVE).

Depois que entrei no projeto, comecei a passar parte das minhas tardes na escola, auxiliando a professora Helena Moreira em suas aulas no Laboratório de Informática Educativa, depois diagramando o Blog dos Estudantes, produzindo vídeos sobre os eventos que participávamos e atuando no Imprensa Jovem.

<sup>2</sup> Objetivos do Desenvolvimento Sustentável. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>.

<sup>3</sup> Currículo Digital da Cidade de São Paulo. Disponível em: <<https://curriculo.sme.prefeitura.sp.gov.br/curriculo-ensino-fundamental#:~:text=O%20Curr%C3%ADculo%20da%20Cidade%20foi,encontrar%20as%20sequ%C3%Aancias%20did%C3%A1ticas%20relacionadas>>. Acesso em: 8 abr. 2022.

Com o passar do tempo, comecei a controlar a mesa de som dos eventos realizados na escola, a atuar como mestre de cerimônia e locutor na Rádio Florestan. Por meio dessas experiências, eu consegui desenvolver muito a minha capacidade de comunicação e, por meio dessas vivências, confirmei o sonho da minha vida de ser professor. (Wesley Rodrigues, 20 anos Estudante de Educação Física – USP).

Ser um educador é estar exposto a todo o momento a experiências de trocas de ideias, em que você ensina e, ao mesmo tempo, aprende. As atividades realizadas durante esse período ajudaram-me no desenvolvimento pessoal e pedagógico, um exemplo claro disso foi quando tive contato com entrevistas e mediação de eventos que ajudaram a resolver meu problema de timidez. Hoje, já no mercado de trabalho, vejo que algumas experiências desenvolvidas pelo projeto contribuem na execução de diversas tarefas. Dessa forma, posso dizer que, além da proposta pedagógica, o Projeto Imprensa Jovem fomenta também as práticas no âmbito profissional. (Michael Aquino, 18 anos – Estudante formado, Ensino Médio).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos projetos desenvolvidos pelo Imprensa Jovem, contata-se a relevância da iniciativa ao dar protagonismo aos professores e estudantes a partir do ensino e aprendizagem de habilidades relacionadas ao uso, avaliação, produção e distribuição midiática, fortalecendo a cidadania e solidificando cada vez mais uma formação crítica e participativa dos jovens da Rede Municipal de São Paulo. Constata-se, assim, que ao transgredirem o domínio técnico passam a formatar uma cultura digital com propósitos estabelecidos pela compreensão das lógicas de produção e consumo midiático em diversos âmbitos da informação e do conhecimento.

O poder de se comunicar pelos meios de comunicação é inquestionável, provoca reflexões, contribui para tornar as pessoas mais ativas e participativas, é uma ferramenta essencial para uma sociedade mais justa e igualitária, além de fomentar um olhar mais humano. Esta investigação corrobora que só por meio do conhecimento do processo comunicacional, de seus meios, tecnologias e suas implicações é possível avaliar o enquadramento das mensagens editadas pela mídia para “estarmos aptos à construção de um mundo que permita a todos o pleno exercício da cidadania em condições igualitárias” (BACCEGA, 2009, p. 20).

O Imprensa Jovem exemplifica, ao criar uma agência de notícias nas escolas municipais da cidade de São Paulo, como a aplicação de educação midiática nas escolas necessita de um envolvimento de diversos atores da sociedade – poder público, instituições de ensino, empresas de tecnologia, professores, alunos, familiares, entre outros – para um aprendizado reflexivo sobre as competências midiáticas e digitais necessárias aos jovens que serão os futuros cidadãos de uma sociedade conectada e digitalizada.

O conhecimento dos métodos de apuração, produção e distribuição de informação implica na elaboração de produtos midiáticos que utilizam como referência as rotinas de produção jornalísticas a partir da produção de pautas, pesquisas e coberturas compartilhadas, por meio de diferentes meios e plataformas como *blogs*, *sites*, *podcasts*, canais de

vídeo e mídias sociais. Os desafios da educação na era digital e midiática são fomentar a coletivização dos saberes, a construção colaborativa de conhecimento e de sociabilidade sobre as responsabilidades e consequências do potencial de, hoje, sermos tanto um polo de emissão como de recepção de mensagens em uma sociedade saturada de desinformação.

Provocar questionamentos críticos sobre a mídia, bem como a tecnologia, pensando em como esses artifícios representam o mundo e como eles criam significados, são premissas que engajam os jovens civicamente para o exercício da cidadania. Ações realizadas pelo Imprensa Jovem como a realização de entrevistas, coberturas jornalísticas, criação de conteúdos locais, que conectam a produção midiática com a comunidade em que vivem, impulsionam os alunos a exercerem a sua autonomia e a colaboração sem deixar de fora toda a bagagem de reflexões que essas atividades propiciam sobre a mídia, as novas tecnologias e a sociedade. É uma forma de empoderamento do estudante pela e com a comunicação livre, responsável, reflexiva, expressiva, comunitária e democrática, impactando não somente suas carreiras no futuro, mas também suas comunidades e sua forma de enxergar o mundo.

## REFERÊNCIAS

BACCEGA, M. A. Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica. In: **Comunicação & Educação**, v. 14, n. 3, p. 19-28, 2009.

BORGES, Q. C. G. **Educomunicação e democracia na escola pública: o educom.rádio e o planejamento**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

BOYD, D. **It's complicated: the social lives of networked teens**. London: Yale University Press, 2014.

BRASIL, Decreto-lei 13.941 de 28 de dezembro de 2004. Institui o programa Educom-Educomunicação pelas ondas do rádio, no município de São Paulo, e dá outras providências. São Paulo, Câmara Municipal, 2004.

BUCKINGHAM, D. Aprendizagem e Cultura Digital. **Revista Pátio**, n. 44, 2008.

BUCKINGHAM, D. A evolução da educação midiática no Reino Unido: algumas lições da história. **Comunicação & Educação**, n. 21, v. 1, p. 73-83, 2016.

BUCKINGHAM, D. Teaching media in a 'post-truth' age: fake news, media bias and the challenge for media/digital literacy education. **Culture and Education**, v. 31, n. 2, p. 213-231, 2019.

CAPRINO, M. P.; MARTINEZ-CERDÁ, J.F. Media Literacy in Brazil: Experiences and Models in Non-formal Education. **Media Education Comunicar**, v. 24, n. 49, p. 39-48, 2016.



- CASTELLS, M. **A Era da Informação**: economia, sociedade e cultura. Lisboa: Portugal, 2002a.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2002b.
- CASTELLS, M. A Sociedade em Rede: do Conhecimento à Política. In: CASTELLS, M., CARDOSO, G., DEBATE (eds.). **A Sociedade em rede** - do conhecimento à ação política Centro Cultural de Belém, 2005, p. 17-30.
- CERIGATTO, M. P. Educação, mídia e cultura digital na educação de jovens e adultos. **Horizontes**, v. 38, n. 1, p. 1-20, 2020.
- CHAVES, M.; MELO, L. Educação midiática para notícias: histórico e mapeamento de iniciativas para combater a desinformação por meio da educação. **Mídia E Cotidiano**, v. 13, n. 3, p. 62-82, 2019.
- CITELLI, A. O. Comunicação e educação: o problema da aceleração temporal. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. **Anais...**, Rio de Janeiro, 2015.
- CRARY, J. **Capitalismo tardio e os fins do sono**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- DEMO, P. **Formação permanente e tecnologias educacionais**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2006.
- DIÁRIO oficial. Portaria Secretaria Municipal da Educação - SME Nº 5.792, 14 dez. 2009.
- DIÁRIO oficial. Portaria Secretaria Municipal da Educação – SME Nº 7.991, 14 dez. 2016.
- DUTRA BRIGNOL, L.; COGO, D.; LAGO MARTÍNEZ, S. REDES. Dimensión epistemológica y mediación constitutiva de las mutaciones comunicacionales y culturales de nuestro tiempo, en Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural. In: RINCÓN, O.; JACKS, N.; SCHMITZ, D.; WOTTRICH, L. (eds.) **Diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero**, Quito: CIESPAL, 2019, p. 187-215.
- ESTUDANTES e Professores da Rede Municipal participam de curso on-line para combater as “Fake News”. **Secretaria Municipal de Educação de São Paulo**, on-line, 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3JstHEI>>. Acesso em: 20 ago. 2021.
- FERREIRA, B. Como a educomunicação ajudou estudantes a refletir sobre desigualdades e resiliência durante a pandemia. **Base Educom**, on-line, 2021.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

- GILSTER, P. **Alfabetização digital**. Nova Iorque: Wiley Computer Pub, 1997.
- GÓMEZ, A. I. P. **Educação na Era Digital: a escola educativa**. Tradução Marisa Guedes. Porto Alegre: Penso, 2015.
- HOBBS, R.; JENSEN, A. The Past, Present, and Future of Media Literacy Education. **Journal of Media Literacy Education**. v. 1. n. 1, p. 1-11. 2009.
- IANNONE, L. R.; ALMEIDA, M. E. B.; VALENTE, J. A. Pesquisa TIC Educação: da inclusão para a cultura digital. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas brasileiras: TIC Educação**. Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2016.
- IMPRESA Jovem. Entenda sobre como será o seminário de 10 anos do Imprensa Jovem. **Imprensa Jovem 10**, on-line, 2015.
- IMPRESA Jovem desenvolve criatividade e senso crítico dos estudantes. **Por Vir**, 12 set. 2019.
- KELLNER, D.; SHARE, J. Educação para a leitura crítica da mídia, democracia radical e a reconstrução da educação. **Educação & Sociedade**. Campinas, v. 29, n. 104, p. 687-715, 2008.
- KERCKHOVE, D. **A pele da cultura: investigando a nova realidade eletrônica**. São Paulo: Annablume, 2009.
- LEVY, P. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Loyola, 2000.
- LEVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2010.
- LIMA, C. Entrevista concedida a Isabela Afonso Portas. São Paulo, 15 jun. 2021.
- MACHADO, M. J.; KAMPFF, A. J. C. A cultura digital na educação básica: investigação sobre concepções, práticas e necessidades formativas. In: Congresso Nacional de Educação. **Anais...**, Curitiba, 2017. p. 1341-1356.
- MAGISTÉRIO/Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica, n. 10. São Paulo: SME / COPED, 2020
- MARTENS, H. Evaluating media literacy education: Concepts, theories and future directions. **Journal of Media Literacy Education**, v. 2, n. 1, p. 1–22, 2010.

MARTENS, H.; HOBBS, R. How Media Literacy Supports Civic Engagement in a Digital Age. **Atlantic Journal of Communication**, n. 23, p. 120–137, 2015.

MARTINO, L. M. S. **Métodos de Pesquisa em Comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2018.

MORA, G. G.; SILVA, N. O. T. As novas gerações e a literacia midiática: possibilidades de educar para a cidadania. **Braz. J. of Development**, v. 5, n. 6, p. 7053-7071, 2019.

OROZCO GÓMEZ, G. **Educomunicação: recepção midiática, aprendizagens e cidadania**. São Paulo: Paulinas, 2014.

PASSARELLI, B.; JUNQUEIRA, A. H. **Gerações Interativas Brasil – Crianças e Adolescentes diante das telas**. São Paulo: Escola do Futuro/USP, 2012.

RIBEIRO, E. R. D.; MAGNONI, A. F., Rosa, L. F. G. & Simon, L. G. B. Educação, Comunicação e Cultura Digital: reflexões sobre caminhos possíveis. In: 2º Congresso Internacional Multidisciplinar. **Anais...**, Faculdade de Agudos, 2018.

ROMÃO, L. C. R. **Educomunicação e participação cidadã de adolescentes e jovens, no Brasil**. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

ROSA, H. **Social acceleration: a new theory of modernity**. New York: Columbia University Press, 2013.

SANTOS NETO, C. O que é educação midiática? Um campo de interação entre cinema e educação. **REPI – Revista Educação, Pesquisa e Inclusão**, v. 1, p. 156-168, 2020.

SECRETARIA municipal de educação. Imprensa Jovem: Projeto recebe premiação da UNESCO. **Secretaria Municipal de Educação de São Paulo**, on-line, 2021. Disponível em: <<http://www.capital.sp.gov.br/noticia/imprensa-jovem-projeto-recebe-premiacao-da-unesco>>. Acesso em: 15 jul. 2021.

SOARES, I. O. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação**. São Paulo: Editora Paulinas, 2011.

SOARES, I. O. Educomunicação e Educação Midiática: vertentes históricas de aproximação entre Comunicação e Educação. **Comunicação & Educação**, n. 2, p. 15-26, 2014.

SOUSA, Sandra Santella de. **A educomunicação e a formação de professores: o papel do programa Imprensa Jovem na construção da formação crítico colaborativa**. 2019. 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação: Formação de Formadores) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Formação de Formadores, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

SPINELLI, E.; SANTOS, J. Saberes necessários da educação midiática na era da desinformação. **Mídia e Cotidiano**, v. 13, n. 3, 2019.

TIC Educação 2019. Coletiva de Imprensa. **Cetic.br**. São Paulo, 9 jun. 2020. Disponível em: <[https://www.cetic.br/media/analises/tic\\_educacao\\_2019\\_coletiva\\_imprensa.pdf](https://www.cetic.br/media/analises/tic_educacao_2019_coletiva_imprensa.pdf)>. Acesso em: 12 dez. 2021.

## **DADOS DAS AUTORAS**

### **EGLÉ MÜLLER SPINELLI**

Doutora em Ciências da Comunicação pela USP. Docente de Jornalismo e do programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM/SP. E-mail: egle.spinelli@espm.br

### **ISABELA AFONSO PORTAS**

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo (PP-GCOM ESPM). E-mail: isabelafonso1109@gmail.com

Submetido em: 09-04-2022

Aprovado em: 27-07-2022